

Trajétórias de trabalhadores do campo na cidade de Uberlândia (1970-2008)¹

Renato Jales Silva Junior²

Resumo:

Este texto tem como interesse refletir sobre modos de viver de trabalhadores que vieram do campo para a cidade de Uberlândia. Interessa-nos recuperar as condições de existência encontradas por estes sujeitos e como foram construindo, nas tensões vividas cotidianamente, outras práticas sociais a partir de seus valores e construindo outros em função do que vivenciavam no novo espaço. Relacionamos em um único processo histórico práticas de grupos empresariais e do poder público na cidade de Uberlândia com a luta de muitos trabalhadores em se manter nesta cidade e neste fazer-se destes sujeitos a construção de outros sentidos do viver. Lemos este processo na luta dialética em torno da cultura, esta constituída por homens e mulheres reais a partir da vida material e em constante disputa por valores.

Palavras-chave: Campo – Cidade de Uberlândia – Cultura.

Abstract:

This text has as interest reflect on worker's ways of living who came from countryside to Uberlândia city. Interested in recovering the conditions of existence found by these subjects and how they were building, in the tensions daily experienced, other social practices from their values and according to building other than experienced in the new space. Relate to a single historical process practices of business groups and public authorities in Uberlândia city with the fight of many workers to remain in this city and become subject to the construction of other ways of living. We read this process in dialectical strife around the culture, wich is building by real men and women from the material life and constant competition for values.

Key-words: Countryside – Uberlândia city - Culture

Este texto é fruto das questões propostas para apresentação de projeto de doutorado ao Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Uberlândia na seleção de 2008. Deste pouco tempo de reflexões no interior das disciplinas algumas considerações já podem ser tecidas e apontados caminhos diferentes dos inicialmente projetados.

O trabalho tem como intuito compreender os modos como conjuntos específico de trabalhadores vindos do campo para a cidade de Uberlândia reconstruíram suas vidas e como a experiência de viver nesta cidade ajudaram a reconstruir laços e refazer valores. Esse não é um debate novo, muito se tem produzido a partir destes territórios de vivências, desde a produção que se dedicou a pensar esta relação a partir do processo de mecanização do campo

¹ Este texto é resultado de pesquisas parciais do projeto de doutorado “‘Cultura caipira’ e modos de vida: trajetórias de trabalhadores do campo na cidade de Uberlândia (1970-2008); desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História Social, linha Trabalho e Movimentos Sociais, da Universidade Federal de Uberlândia.

² Mestre e Doutorando em História Social na Universidade Federal de Uberlândia. Professor da rede municipal de ensino da Prefeitura de Uberlândia.

(GONÇALVES NETO, 1997) e constante expulsão de trabalhadores para a cidade, àqueles que sob inspiração de trabalhos como de Raymond Williams (WILLIAMS, 1989) deixaram de olhar estes lugares como estanques e dicotômicos e voltaram suas análises para as múltiplas experiências de homens e mulheres reais nas suas vivências cotidianas (FREITAS, 2003).

As questões em torno desta temática passaram por alguns pontos que tentamos responder durante o trabalho de mestrado (SILVA JUNIOR, 2006), quando o conceito de cultura ajudava-nos a entender as lutas empreendidas por muitos moradores pelo reconhecimento de suas ações como construtoras desta cidade. Buscávamos naquele momento colocar o conceito de cidade em movimento demonstrando como os sujeitos fazem os territórios³ e se fazem nestes. Para interpretar este movimento dialético de constituição da cidade recorremos às entrevistas, nelas dialogamos com alguns trabalhadores que vieram de outras cidades e um especificamente, o senhor José dos Santos, fora trabalhador do campo⁴.

Este senhor chegou a Uberlândia na década de 1960, trabalhou nas empresas de beneficiamento de arroz em torno da estação Mogiana no carregamento destas mercadorias. Atualmente o senhor José dos Santos tem um bar na cidade que leva o seu nome artístico, Flor do Campo. O enredo da entrevista deste trabalhador organizou-se a partir da percepção que este tinha do reconhecimento de seu *ofício* atual, *moda de viola, a verdadeira música sertaneja né! É isso aí que a gente faiz*⁵. Mesmo tendo um bar, era como violeiro que o José dos Santos queria ser reconhecido e lembrado na entrevista.

A experiência do senhor José dos Santos – da saída do campo para a cidade de Uberlândia – é compartilhadas por muitos outros trabalhadores, entre estes meus pais que vieram para Uberlândia na década de 1970. Ao longo dos anos nesta cidade o meu pai conseguiu um trabalho na antiga Petrominas que depois foi adquirida pela Petrobrás, neste processo ele virou funcionário público-estatal. Em todos os momentos em que tem oportunidade trata sua experiência de vida no campo como um tempo de trabalho duro, de poucos rendimentos e sem acesso a direitos básicos – conquistados com o trabalho na estatal. Por outro lado o meu pai e muitos dos seus amigos de bairro⁶, nos espaços de sociabilidade

³ Territórios aqui vistos como espaço de luta por pertencimento à cidade que vai além da noção física.

⁴ O senhor José dos Santos com quem conversei no dia 13 de março de 2005. Nascido na cidade de São Francisco de Oliveira.

⁵ Idem.

⁶ Desde o início da década de 1980 moramos no Bairro Roosevelt que se constituiu naquele momento por conjuntos habitacionais construídos pela prefeitura e financiados pelo Banco Nacional de Habitação para atender os trabalhadores que na década anterior veio para a cidade de Uberlândia: *Enquanto a cidade vive esse drama [aumento do preço do aluguel] o poder municipal procura solucionar o problema habitacional de sua gente. Contatos já foram mantidos com dirigentes do BNH, isando a construção a longo prazo, de pelo*

tratavam do dia-a-dia na cidade ouvindo músicas que tinham como enredo a vida no campo. Estas práticas me trouxeram algumas questões: como estes sujeitos reconstruíram suas vidas na cidade levando em conta a trajetória e os valores que traziam do campo?

Acreditamos que dentro do que chamam de universo cultural caipira existem valores residuais que em alguns momentos emergiram tensionando outros hegemônicos que construíam significados sobre modos de pensar as relações sociais em diversos aspectos.

Para entender esse movimento é preciso voltar a outro tempo na cidade, por volta da década de 1970 quando trabalhadores chegaram do campo lutando para romper com uma “vida difícil (trabalho duro e pesado, falta de assistência médica, de estudo para as crianças, dificuldade de manter a família)” (FREITAS, 2003:07) e com a expectativa de que a cidade “poderia preencher as lacunas provocadas pela ausência de direitos sociais” (Ibidem, p. 27). É esta experiência juntamente com as dificuldades encontradas para se manterem na cidade que serão trazidas para o trabalho para entender a constituição de valores sobre o viver em Uberlândia e como tensionam outros que lhes são impostos.

A partir desta hipótese o trabalho com as fontes orais ganham relevância para recontarmos diferentes trajetórias dentro deste recorte. Entre os entrevistados conversamos com o senhor Reinaldo Afonso Ângelo Farnesi, hoje com 60 anos. O senhor Reinaldo é natural da cidade de Prata. Foi motorista de caminhão e hoje é proprietário de um comércio na cidade de Uberlândia, no bairro Presidente Roosevelt. Conversei também com o senhor Pedro Fernandes Evangelista, de 53 anos, natural de Ituiutaba. O senhor Pedro é professor de matemática na rede municipal de ensino e desde o ano de 2001 tem atuado como cantor e compositor de músicas caipiras e regionais. Atualmente mora no bairro Granada. Entrevistei o senhor Nerimar Vieira Marques, motorista aposentado, natural da cidade de Centralina e, por fim José Lazáro Mariano, de 54 anos, natural de Abadia dos Dourados, trabalha hoje no Departamento Municipal de Água e Esgoto e atua como compositor e cantor de músicas caipiras. Neste texto trabalharemos alguns momentos destes diálogos.

Buscamos nas entrevistas valores que estes sujeitos recuperam neste momento como significativos em suas trajetórias e que ajudam a produzir algumas memórias das lutas empreendidas pelo pertencimento à cidade. Entre estes sentidos produzidos sobre o viver está o valor dado à educação.

menos cinco mil residências, para as classes menos abastadas e média, passarem a ter eu próprio teto. LOCADORES precisam se conscientizar quanto ao preço do aluguel. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 03 de março de 1977, capa.

Ao dialogar com alguns destes trabalhadores como o senhor Reinaldo Farnesi encontramos narrativas que recuperam suas trajetórias a partir deste enredo. O senhor Reinaldo chegou na cidade de Uberlândia em 1978, ao lhe perguntar sobre as motivos que o trouxe à cidade ele escolhe entre os campos de possibilidades a educação dos filhos:

*Na época a maior vantagem foi ter trabalho e o estudo da minha filha porque logo depois a mais velha prestou vestibular na UFU pra advocacia, direito, passou, formou e depois a outra também prestou vestibular... então com a vinda minha pra Uberlândia a vantagem foi todas duas formarem, todas duas formou aqui em Uberlândia e pra mim na época foi a maior vantagem foi isso daí porque o estudo aqui em Uberlândia era diferente (...)*⁷

Esta é uma das questões que precisamos nos debruçar um pouco mais em nossos trabalhos: qual o sentido da educação para os trabalhadores nesta cidade? Como este valor organiza suas trajetórias de vida? É significativo observar que o senhor Reinaldo organiza o enredo de suas histórias a partir do acesso das filhas aos bancos da universidade. Talvez a ascensão de suas filhas a uma categoria mais respeitável socialmente galgada a partir do acesso a um curso de nível superior em uma universidade federal dê, neste ponto de sua história, o sentido de pertencimento que buscou ao longo de sua vida, que, na cidade, que foi sempre instável em função das dificuldades de permanecer: “teve épocas que... na década de 80 devido a inflação alta demais eu cheguei a mudar de Uberlândia, eu voltei para Ituiutaba para tentar uma outra profissão, mexer com posto de gasolina”⁸

Acredito que ao falar da educação universitária das filhas o senhor Reinaldo fala de si mesmo, constrói o sentido que lhe é possível neste momento para valorizar as lutas empreendidas por nele nos diferentes tempos que viveu na cidade, o tempo de trabalho no campo não é recuperado em suas memórias, ou quando o faz é para marcar as dificuldades vividas na cidade.

Talvez a avaliação que faz do viver no presente nos ajude a entender este enredo: “pra mim toda vida o melhor lugar era aquele onde eu ganhava dinheiro e teve uma época aqui que pra mim foi muito boa, a inflação era baixa, o custo de vida era bem acessível, hoje ficou muito difícil (...)”⁹. Se acompanharmos por meio dos dados econômicos fornecidos por diferentes institutos de pesquisa, a inflação dos tempos atuais tem-se mantido em uma média das mais baixas dos últimos trinta anos. Acompanhando o noticiário da década de 1970 podemos ter um panorama dos aumentos na cidade¹⁰, na década de 1980 os números da

⁷ Reinaldo Afonso Ângelo Farnesi. Entrevista realizada em 25 de novembro de 2008.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ *Carne sobe mas consumo caiu*. Jornal Correio, Uberlândia, 06 de agosto de 1970 p. 01; *Um cidadão contou à “Feira” que no mês de junho seu consumo de luz foi de Cr\$ 4,50, aliás o de sempre. O de julho teve um*

inflação são muito conhecidos por nós. Portanto entendemos que a discussão em torno desta narrativa não pode se situar em termos de números oferecidos pelos institutos da inflação mensal e sim pensando como este trabalhador organiza os tempos vividos a partir de suas experiências e, fundamentalmente, pelo tempo em que recorda e interpreta sua trajetória.

Outro trabalhador entrevistado, o senhor Pedro Fernandes Evangelista também organiza suas memórias a partir do acesso à educação escolar:

Assim eu vim pra cá em 75, em 1975 eu vim pro exército aqui em Uberlândia. Quando eu vim pra Uberlândia aqui eu só tinha a terceira série primária aí em 1978 eu pensei, não eu vou fazer alguma coisa aí eu peguei e fiz o supletivo de primeiro grau, de segundo grau e fiz matemática, fiz ciência e matemática. Assim eu tinha terceira série, um ano depois eu tava prestando vestibular na UFU, prestei para engenharia, passei na primeira fase, em 79 passei na primeira fase na engenharia só que não passava na segunda fase aí eu fui pra Unutri mesmo, eu fiz ciência e matemática lá.¹¹

O senhor Pedro Evangelista passou boa parte de sua vida trabalhando no campo com seus familiares. Sair do campo com a terceira série primária e conseguir ter acesso à universidade compõe nas memórias do senhor Pedro um sentido significativo. Porém diferentemente do senhor Reinaldo a experiência vivida no campo é recomposta a partir dos valores que este sujeito experimentou nas vivências na cidade como perda. Ao lhe perguntar sobre as diferenças da vida no campo e na cidade este avalia que

no campo... parece que o povo era mais unido sabe? E esse negócio de dinheiro, parece que o pessoal não fazia muita conta disso, era mais... o dinheiro era assim tipo troca sabe como é que é? O pessoal ia em casa e falava assim “Ah seu Zé o senhor vai matar uma vaca aí, o senhor podia me emprestar um quarto?” aí pagava em porco, sabe como é que é? A gente ia pra cidade num tinha dinheiro aí levava assim porco, levava arroz porque a gente tinha tília, sabe o que que é tília né? Tília é um depósito, um negócio de guardar arroz na roça assim (...)¹²

Nesse sentido entendemos que pensar a *saudade* e o tempo vivido no campo ganham significados diferenciados e, por vezes conflitantes nos usos que os diferentes grupos fazem

aumento para Cr\$ 36,70, Jornal Correio, Uberlândia, 06 de agosto de 1970 p. 03; *Todos os setores estão mobilizados para que o preço da carne seja o mais baixo possível*, Jornal Correio, Uberlândia, 25 de janeiro de 1973 p. 01; *Crise da carne provoca aumento*. Jornal Correio, Uberlândia, 11 de agosto de 1973 p. 01; *A bolsa não é assim tão grande, o dinheiro é que está ficando pequeno demais*, Jornal Correio, Uberlândia, 13 de março de 1973 p. 03; *Cá em casa, no nosso Brasil gigante, sintonizamos uma emissora carioca anunciando pacote de arroz Gatão e Brejeiro a 10,00 Cruzeiros. Morremos de inveja e ficamos com uma confusão danada. Como é possível aqui em Minas Gerais, terra do Brejeiro, o arroz, que é muito bom mesmo, custa os olhos da cara!* Jornal Correio, Uberlândia, 05 de abril de 1973 p. 3; *Governo vai tabelar preço do hospital*. Jornal Correio, Uberlândia, 15 de janeiro de 1974 p. 1; *Carne só três vezes por semana, óleo nem pelo amor de Deus*. Jornal Correio, Uberlândia, 19 de fevereiro de 1974 p. 1; *Um recado do povo para a SUNAB: pão de 0,90 sumiu das padarias*. Jornal Correio, Uberlândia, 13 de Agosto de 1976

¹¹ Pedro Fernandes Evangelista. Entrevista realizada em 27 de novembro de 2008.

¹² Idem.

deles. Para pensar esta relação precisamos – como nos ensina Williams (WILLIAMS, 1979) e Thompson (THOMPSON, 1981) – por em movimento *a experiência* vivida, a *consciência* produzida a partir da vida material, mas permeada pela cultura *e a linguagem* construída histórica e socialmente, *instituinte e constituinte do social* (WILLIAMS, 1979:43).

Williams nos alerta para também para o cuidado em não se tomar determinadas construções sobre a vida no campo como modelos ‘idealistas’ de crítica ao modo de vida capitalista. A união de que fala o senhor Pedro tem relação com o vivido na cidade, com relações sociais experimentadas por ele como perda, as memórias do viver no campo são recuperadas em um movimento de retrospectiva e perspectiva em um mesmo relato, quer dizer, recuperar de forma idealizada é ao mesmo tempo avaliar o que vive hoje e projetar.

Outros caminhos têm sido construídos com esse diálogo feito com os trabalhadores através das entrevistas. Temos aprendido que a dinâmica social é complexa e os valores postos em debate são diversos. Ao conversar com outro trabalhador de Uberlândia que vem de uma experiência de trabalho no campo encontramos outro enredo. O senhor Nerimar Vieira Marques, motorista aposentado que trabalhou junto com seus pais na região agrícola da cidade de Centralina, Minas Gerais e veio para Uberlândia na década de 1950. Ao fazer um balanço de sua vida este nos narra:

Eu aposentei com dois ponto-oito salários e hoje estou com seiscentos reais, quer dizer, você me pergunta, tá bão pra viver? Tá! Porque esse tá seguro. Esse é o fruto do meu trabalho recolhendo INSS por vinte e sete ano e seis meses foi quando eu aposentei né (...) eu tive um retorno bem grande daquilo que eu trabalhei só que pra mim, pro meu sonho realizar, eu queria ter meu caminhão, eu não dei conta de ser proprietário do meu caminhão porque? Porque eu trabalhei honesto, eu nunca fiz rolo, eduquei minha família tendo minha família honesta, graças a Deus todos são trabalhadores (...).

O caminho para entender este processo não é interpretar as memórias produzidas pelo senhor Nerimar como simples aceitação das desigualdades ou resignação, mas perceber onde estes enredos constroem pontos de aceitação ou pontos de dissidência frente aos valores dominantes. Buscamos nos inspirar em Sarlo na forma como esta coloca o olhar político:

... olhar politicamente é por as dissidências no centro do foco, o traço oposicionista da arte frente aos discursos (...) estabelecidos. Um olhar político aguça a percepção das diferenças como qualidades alternativas frente às linhas respaldadas pela tradição estética ou pela inércia (...) do mercado. Porque, de alguma maneira, olhar politicamente a arte supõe descobrir fissuras no consolidado (...) (SARLO, 1997:55-63)

Este procedimento é válido para *olhar* também as narrativas orais que interpretam as múltiplas relações vivenciadas pelos sujeitos que escolhemos conversar.

Encontramos construções que podem levar a uma interpretação idealizada nas interpretações de trabalhadores que viveram no campo: *o povo era mais unido*. Ou, com sentido diferente, em elaborações que dissolvem as contradições como a interpretação de Inezita Barroso:

São duas coisas distintas. Essa riqueza, esse progresso, esse avanço da cidade é algo externo. O amor, a cultura, a tradição e o respeito pelas coisas é interno. Ele pode até nem mostrar, ficar quieto, aprender a lidar com o computador, mas por dentro o caipira é diferente, ele é legítimo. Não ter vergonha disso é muito melhor. Porque daí ele diz: “eu sou violeiro com todo orgulho”. A pessoa pode ser rica, pé no chão, pobre, caipira ou não¹³.

A inspiração de Williams é fundamental para colocarmos estes sentidos em disputa na vida social destes diferentes sujeitos, sem romantizar a vida no campo e tendo as questões postas no presente sobre o viver na cidade como ponto de partida destas elaborações. Por isso é fundamental pensar a relação presente-passado problematizando os conflitos vivenciados pelos sujeitos privilegiados no trabalho a fim de entender como estas batalhas estão sendo travadas e quais as estratégias adotadas pelos grupos dominantes a fim de *desarticular* e *reorganizar* o que é produzido pelos trabalhadores.

Portanto trabalhamos com um processo ativo de campos em disputa para os sentidos construídos sobre o viver na cidade. Para entender este processo trazemos para o texto outras interpretações feitas por homens e mulheres que vivenciaram o trabalho no campo para numa relação dialógica com suas histórias problematizar as apropriações feitas por outros grupos desta cidade.

Bibliografia:

BARBERO, Jesús-Martín. **Dos meios às mediações:** comunicações, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

———. **Dez lições sobre estudos culturais.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

FENELON, Déa Ribeiro et. al. **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'Água, 2004.

FREITAS, Sheille Soares de. **Buscando a cidade e construindo viveres:** relação entre campo e cidade. Dissertação (Mestrado em História), Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e agricultura no Brasil:** política agrícola e modernização econômica brasileira – 1960-1980. São Paulo: Hucitec, 1997.

HALL, Stuart. **Dá diáspora. Identidades e mediações culturais.** SOVIK (org.). Belo Horizonte. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos.** Portugal: Editorial Presença, 1973.

¹³ Retirado de http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm, acessado em 19 de novembro de 2008.

———. História Oral como Gênero. In: **Revista Projeto História** do Programa de Estudos Pós Graduated em História do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, nº 15, 1995.

———. A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: **Tempo**, Revista do Departamento de História da UFF, n. 2, dez. 1996, pp. 53-72.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SILVA JUNIOR, Renato Jales. **Cidade e cultura: memórias e narrativas de viveres urbanos no bairro Bom Jesus (1960-2000)**. Dissertação (Mestrado em História), Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.